

INFORMATIVO

FRANCISCO

VERÃO | 2018 | ANO III - Nº 12



Escola Waldorf
Francisco de Assis



EDITORIAL

por Tereza Racy

Quando nosso grupo se reúne para pensar sobre os textos do Informativo busca sempre trazer uma reflexão sobre um tema que servirá de inspiração aos nossos colaboradores, como um pano de fundo, um fio condutor, que está ali a tecer a delicada estrutura desse trabalho. Começamos de forma singela, Tateando possibilidades, arriscando inovações e com a chegada de novos integrantes tratamos de dar passos mais largos, propondo temas que instigaram os articulistas, desde aqueles que já estão acostumados ao trato da palavra àqueles que se arriscam a contar suas experiências de vida, a se apresentar para a comunidade, surpreendendo a todos nós com suas narrativas. Transitar pelas veredas da proposta espiritual trazida por Rudolf Steiner fazendo as tranças do nosso cotidiano não é tarefa fácil. Neste Informativo, em especial, buscamos o pensamento social de Steiner, uma vez que nessa época, ao despontar do primeiro domingo do Advento, parece vibrar em nós os rudimentares conceitos de um ambiente fraterno. Nesse sentido sugerimos pensar em como nos comportar frente ao consumo, frente aos apelos insidiosos do marketing. Nesse mês eu, particularmente, fui impactada pelo trabalho da Rede Dinheiro e Consciência, que chega ao Brasil com a proposta de um Banco Ético. E falando em Ética, neste Natal poderíamos, antes de comprar refletir sobre a pergunta que embasa todo esse grandioso trabalho: a quem meu dinheiro serve? Com essa questão, que proponho ecoe em nossos corações, receberemos o primeiro Anjo do primeiro domingo que antecede a chegada

“Tudo está por fazer,
Tudo ainda é possível,
Quem, senão nós?”

Miguel Martí i Pol, poeta catalão (1929-2003)

Um lindo e singelo Natal a todos.

SUMÁRIO

- 03** - SUMÁRIO / EXPEDIENTE
- 04** - REFLEXÃO DE ÉPOCA
Nicolau e o Natal
- 06** - O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO
Todos os caminhos levam a Roma?
- 10** - FOLHA LIVRE
Francisco de Assis, o Natal e o Sol
- 14** - FALANDO COM O DOUTOR
Morada do humano
- 16** - A VOZ DA COMUNIDADE
Caminhos Cruzados
- 18** - É ASSIM QUE SOMOS
E que escolha feliz!
- 20** - NOSSO ALIMENTO
O alimento e os temperamentos
- 22** - ACONTECEU NA FRANCISCO
- Festa Semestral
- Sarau do 8º Ano
- 24** - NAFUNÇÃO
O que faz uma boa comunidade
- 25** - INSTÂNCIAS
Diretoria Executiva
- 26** - VIDA EM VERSO

EXPEDIENTE

Editorial: Tereza Racy

Colaboradores: Beatriz Camorlinga; Carolina Gulyas; Dione Moraes Pavan; Fernando Andrade; José Carlos Machado; Juliana Herbst Carnieli; Monica Ballaminut; Rosa Crepaldi; Thiago Borazanian; Tutti Madazzio; Vidal Bezerra; Yugo Sano Mani.

Projeto Gráfico e Diagramação: Felipe Kertes

Capa: "Fraternidade Natalina", de Mariana Baptista Stefane, ex-aluna da EWFA - 2004/2017

Fotos: Arquivo EWFA

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

Sugestões, comentários e críticas para
secretaria@ewfa.com.br

Av. Basileia, 149 - Lauzane Paulista - São Paulo - SP
CEP 02440-060 | (11) 22310152 | (11) 22317276

www.ewfa.com.br



Juliana Herbst Carnieli

REFLEXÃO DE ÉPOCA Nicolau e o Natal

por Juliana Herbst Carnieli | Profª Jardim da Infância

Umas das épocas mais importantes do ano para a criança que vive a Pedagogia Waldorf é, sem dúvida, o Natal. É repleta de vivências e significados que trazem para elas o verdadeiro sentido desta época mágica.

Em meio ao mundo cada vez mais caótico em que vivemos mensagens de amor e simplicidade parecem ser mais raras e estarem distantes de todos nós. A maldade, corrupção, violência, ganância, preconceito são tão presentes no nosso dia a dia que nos fazem questionar o verdadeiro significado do Natal.

Algumas imagens trazem para a criança a real mensagem dessa época.

A primeira surge com os carneirinhos. As crianças sentem a lã, sua textura, maciez, tiram os picões, lavam com água morna e sabão de coco, esperam ela estar bem sequinha para poderem cardar e deixá-la ainda mais fofinha. As professoras transformam esta lã em carneirinhos que cada criança poderá levar para casa e colocar em seu presépio. Os pastores e os carneirinhos representam a simplicidade e, com o calor nos corações, procuraram pela criança anunciada pelos Anjos.

Quatro domingos antes do dia 25 de dezembro começa o Advento que tem o sentido do advir, do dia especial que está por vir, para nos prepararmos para o grande acontecimento que é o nascimento do

menino Jesus. É neste quarto domingo antecedente que iniciamos a Coroa do Advento, feita com galhos de pinheiro, com fita vermelha e quatro velas: azul, verde, vermelha e amarela, que representam os anjos que Deus enviou para a Terra para ajudar aos Homens.

No dia primeiro de dezembro começa o Calendário do Advento, onde cada dia até o Natal, o anjinho passa e deixa pequenos presentes para as crianças. A ideia é de que possam viver a expectativa e a contagem regressiva para a chegada no Natal. É um momento mágico onde as crianças ficam encantadas ao descobrirem todos os dias o que o Anjo deixou.

Durante o mês de novembro as crianças confeccionam botas vermelhas para esperar por São Nicolau, um bispo sábio, bom e justo que vendo a necessidade das pessoas vem até a Terra e distribui dádivas para os que necessitam. Quando as crianças chegam na escola encontram espalhadas por todo o jardim o rastro de estrelas coloridas que ele deixou em sua passagem e encontram também suas botas repletas de maçã, trigo, nozes e pão de mel. Ficam eufóricas e felizes com o que aconteceu. Passam horas recolhendo as estrelinhas para levarem para casa e se lembrarem do dia especial que puderam vivenciar.

É nessa época que ao passarem pelo Jardim de Infância os pais, professores e funcionários sentem o delicioso cheirinho de bolachinhas no ar. As crianças preparam os ingredientes, amassam, dão forma, enfeitam e assam as bolachinhas que depois levarão para casa para comemorar o Natal e dividirem com suas famílias.

Todos esses momentos trazem a magia desta época, de uma forma simples e com grandes significados que levarão consigo para toda a vida. Não é uma época de presentes materiais, mas sim de imagens que fazem sentido em seus corações. Ajudar aos necessitados como Nicolau fez, preparar bolachinhas todos juntos para presentear amigos e familiares, cantar músicas natalinas, viver a expectativa para o dia especial que está para chegar, são experiências que tocam as crianças de uma forma humana, onde acreditamos que possam ajudar a criar dentro deles um sentimento de solidariedade com as pessoas e desenvolver amor ao próximo. É com essas vivências que esperamos que, lá na frente, quando forem adultos, tudo isso tenha sentido e que tenha contribuído em suas vidas para serem pessoas melhores e completas.

O que podemos viver e aprender nessa época como adultos? Natal é nascimento, um presente para a Humanidade, pois é nessa data que podemos parar um pouco e olharmos para o outro sem julgamentos, ouvirmos os nossos corações, fazermos uma reflexão sobre o que queremos transformar e o que queremos que nasça de novo dentro de nós. Um momento em que podemos ser mais simples para aprendermos a levar a vida de uma forma mais leve e mais bonita como as crianças fazem. Que a alegria desta data possa trazer a cada um de nós a esperança, a fé e o amor para todos os outros dias do ano vindouro.

Um feliz Natal para nós! ■



Carolina Gulyas | Desenho de lousa

O sexto ano em uma escola Waldorf marca um importante acontecimento, a travessia de um profundo e desconhecido rio. De um lado, a leveza da infância e tudo aquilo que é querido e conhecido e do outro, todas as possibilidades do vir a ser: a adolescência e tudo o que ela representa, as portas de um novo mundo, responsabilidades, desafios e os mistérios que podem rondar nossa imaginação e, também, as consequências dos excessos que podem ser cometidos a partir de nossas escolhas. A causa e o efeito a partir de uma nova consciência. Nesse momento do desenvolvimento humano temos como pano de fundo o estudo do declínio da Grécia e toda a história de Roma, sua ascensão e queda, suas virtudes e suas mazelas.

Analisando a sociedade atual, como ela é organizada, as leis, cultura e até mesmo aquilo que se considera como belo ou feio, pode-se perceber a influência de muitas civilizações que antecederam a

atual. Uma série de acontecimentos anteriores, culminaram no que hoje é conhecido como a civilização ocidental, que nasceu de uma das mais poderosas sociedades da antiguidade, o Império Romano.

O nascimento de Roma está envolto por histórias da Mitologia. Eneias (filho da deusa Vênus), abandona a cidade de Tróia e viaja milhares de quilômetros, chegando à Península Itálica e fundando um novo reino. Muitos anos depois, ocorre o nascimento de Rômulo e Remo, descendentes de Eneias e filhos do deus Marte. No entanto, o tio dos meninos, muito ambicioso, abandonou as crianças num cesto, na beira do rio Tibre. As crianças são encontradas por uma loba, que comovida pelo choro dos bebês, os amamentou como se fossem seus próprios filhotes. Quando os irmãos crescem, decidem fundar um novo reino, mas a divergência entre eles, causa uma terrível briga e Remo morre. Assim nasce o povo romano, uma miscelânea de amor e guerra. Um povo poderoso, descendente

dos gregos e dos deuses, que pode, inclusive, derramar o sangue de seu próprio irmão para atingir objetivos maiores.

A história política de Roma pode ser estudada em três períodos: em seus primórdios Roma era uma Monarquia, cujo Rei era escolhido por um conselho formado pelos homens mais experientes das famílias mais antigas de Roma, os patrícios, chamado de Senado. No entanto, em 510 a.C. um rei muito perverso foi deposto e o Senado proclamou que a partir daquele momento não haveria mais reis e, a partir de então, Roma seria governada pelo povo e para o povo. Assim, dá-se início à República Romana.

Inicialmente a República funcionou bem, mas os ricos patrícios, que tinham terras, muitos privilégios e sobretudo poder, frequentemente entravam em choque com os plebeus, muito mais numerosos e pobres. Os plebeus começaram a questionar suas precárias condições e a clamar por melhores condições, mais alimentos e novas terras. Diante desse conflito o Senado tomou uma decisão, seria necessário expandir suas terras, obter mais riquezas e para tal um poderoso exército foi formado.

As leis romanas eram ditadas pelo Senado e elas começam pelos lares romanos. Em casa, o **pater familias** tinha o poder da vida e da morte sobre seus filhos, esposa e escravos. A obediência ao pai ou ao mestre era inquestionável. O mesmo ocorria com o exército, se um soldado romano não seguisse as ordens de seu superior ele seria executado impiedosamente.

Assim, sob essa base de disciplina e obediência, forma-se um poderoso exército. O exército romano era hábil, disciplinado, leal e pronto para lutar até o fim. Seus treinamentos eram constantes, mesmo em tempos de paz e, por esse motivo, possibilitaram a formação de legiões que conquistariam toda a península Itálica, depois a Grécia, a Gália (atual França) e finalmente a poderosa cidade de Cartago (no norte da África). Deste modo, passaram a controlar todo o mar Mediterrâneo. O terri-

“
Uma
língua
diferente
é
uma
visão
diferente
da
vida

(Federico Fellini)

”

tório romano se expandiu da Inglaterra até o deserto do Saara.

A cada conquista, Roma ficava maior e mais difícil de governar e foi então que um general se destacou entre os demais, o general Júlio César, dando início a era mais gloriosa de Roma. Quando Júlio César passa a governar Roma ele é adorado pelo povo, mas os senadores não gostaram nada dessa ideia, porque estavam perdendo poder. Assim, organizaram uma conspiração e esfaquearam Júlio César até a morte nas escadarias em frente ao Senado. Sua morte gerou um caos em Roma. Dá-se início ao período do Império recheado de guerras civis, mas também de paz e grandeza imperial. Contudo, todo esse poder, riquezas e grandeza só foi possível através de muitas guerras e dominações. Muitos povos foram dominados durante esse período e milhares se tornaram escravos de guerra.

Roma era extremamente rica, mas, ainda assim, as tensões entre patrícios e plebeus eram constantes. Como consequência, os imperadores procuraram uma maneira de entreter o povo e, por isso, realizavam espetáculos no circo romano, no qual aconteciam corridas de bigas e combates entre gladiadores. Algumas vezes animais como touros, leões e rinocerontes dividiam a arena com algum gladiador. Como o povo passava fome, durante os espetáculos eram jogados pães para o povo faminto, dando origem a conhecida política do pão e circo.

Em muitas guerras que Roma travou para expandir seus territórios, utilizou o argumento de que seria para melhorar as condições de vida dos plebeus, mas, na realidade, resultavam no aumento da quantidade de terras dos patrícios, que além de tudo precisavam de um maior número de escravos para trabalhar. Isso porque os plebeus, donos de pequenas terras, estavam recrutados nas legiões romanas e, assim, apenas mulheres e crianças ficavam cuidando dos campos. Mas com essa pequena quantidade de pessoas trabalhando, as pequenas propriedades iam à falência e as mães, para sustentar seus

filhos, se viam obrigadas a vender suas terras para os grandes latifundiários. Essa situação só agravou os problemas sociais da época. Por esse motivo, Tibério Graco, que era tribuno da plebe (atuavam como representantes dos plebeus e levavam as reivindicações para os superiores da hierarquia da República Romana) conseguiu a aprovação de uma lei que limitava as terras de uma pessoa e redistribuía o excedente para aqueles que nada tinham. Apesar da aprovação, ela nunca foi executada e Tibério foi assassinado. Seu irmão Caio Graco tentou dar continuidade as ideias de seu irmão, mas ele também acabou morrendo.

Foi durante o início do Império Romano que nasceu Jesus. Diante desse quadro político de conquistas, revoltas, riquezas e fome que Jesus fez sua passagem com uma mensagem muito diferente da vivida naqueles tempos. Sua voz era suave e gentil em meio a tanta rudeza e austeridade. Ele falou de amor quando a alma humana vivenciava a guerra em suas entranhas. Falou de simplicidade e humildade em meio a grandes latifúndios, homens que conspiravam pelo poder e que almejam cada vez mais riquezas.

Sua mensagem foi tão simples, mas tão profunda que não caberia nessas desprezíveis linhas. Ele falou sobre o desenvolvimento de nossas virtudes mais belas, sobre nosso esforço pessoal de desenvolvimento diário, sobre compartilhar, respeitar as diferenças, esquecer as arrogâncias do ego e perdoar, perdoar a si e aos outros. Mas, sobretudo, falou de amor, porque perdão, respeito, tolerância, paciência e todas as virtudes têm origem no amor e para o amor culminam.

Durante toda a existência de Roma, é possível perceber a polaridade presente nessa sociedade. A magnitude do Império, as construções, a arquitetura de modo geral, o conhecimento de engenharia, os aquedutos brilhantemente construídos e tantos outros conhecimentos que foram desenvolvidos nesse período. Quando Roma expande suas ter-

ras ela não destrói os textos, e os conhecimentos neles contidos, ela agrega e se desenvolve cada vez mais. Muito do modo de vida atual é derivado dessa sociedade. A língua e o alfabeto, o sistema jurídico, a arte e também a forma de ver e pensar o mundo. A sociedade atual, com forte caráter patriarcal, a riqueza do povo sendo utilizada para os caprichos e luxos de poucos.

Recebemos desse povo uma herança, qualidades e excessos que ainda ecoam, de certa forma, em nossa sociedade. Talvez ainda estejamos nessa transição, buscando desesperadamente atravessar esse profundo e desconhecido rio. Mas, acima de tudo, recebemos como herança algo que não pode ser esquecido ou ignorado. Algo que sobreviveu, mesmo através de metáforas e símbolos e hoje muitos gritam impositivamente e despejam de forma literal. Recebemos a chave para nossa maior busca. Recebemos a chave que abre todas as portas, que retira todos os véus e que nos faz ver a verdade que ressoa em nossos corações sagrados. No entanto, fazer a travessia, independente das dificuldades, é nossa escolha. ■

Sua
voz
era
suave
e gentil
em meio
a tanta
rudeza
e austeridade.





O Santuário de Greccio, transformado em capela

FOLHA LIVRE

Francisco de Assis, o Natal e o Sol

por Beatriz Camorlinga | Profª Waldorf que atua como tutora do ensino fundamental

Desde os primórdios da humanidade se celebravam grandes festas e todas elas tinham significados a partir da observação da natureza. O homem moderno encontra-se frente a ela como um estranho. Goethe, o grande poeta e leitor da natureza em sua plena essência, escreveu certa vez um hino, uma espécie de oração à grande mãe:

"Natureza, por ela estamos envolvidos e abraçados – incapazes de sairmos dela e incapazes de nela entrarmos mais profundamente. Sem nos pedir nem nos advertir, toma-nos no círculo de sua dança e nos leva até cansarmos e cairmos de seus braços. Eternamente cria novas formas; o que aí está nunca esteve, o que esteve nunca voltará – tudo é novo e, mesmo assim, sempre é velho. Vivemos no meio dela e lhe somos estranhos. Fala conosco ininterruptamente e não nos revela o seu mistério. Constantemente agimos sobre ela e mesmo assim não a dominamos. Parece que ela baseou tudo na individualidade e não liga para os indivíduos. Sempre constrói e sempre destrói, e a sua oficina de trabalho é inacessível. Vive em inúmeras crianças, e a mãe, onde

está? É a artista única: da mais simples substância aos maiores contrastes; sem sinal de esforço até a maior perfeição – até a máxima exatidão, mas sempre envolta com algo suave. Cada uma de suas obras tem sua própria essência; cada manifestação sua tem o conceito mais isolado possível. Todavia, tudo é irradiado de uma unidade. Apresenta uma obra teatral: se ela mesma a vê não sabemos, mas mesmo assim ela nos apresenta, para nós que somos tão pequenos. Há um eterno devir, movimento e vida dentro dela, e mesmo assim não avança. Transforma-se eternamente e nela não existe momento de repouso. Não tem um conceito para o permanecer, e colocou sua maldição em todo repouso. Ela é firme, seu passo é comedido, raras as suas exceções, imutáveis as suas leis..."

A Antiga sabedoria, dos observadores da natureza, levou à celebração das grandes festas, que eram assim a forma de ligar o homem ao conhecimento cósmico, a tudo aquilo que nos mostra a relação do homem com sua essência. É, segundo Rudolf Steiner, o símbolo da palavra cósmica levada à consciência da

humanidade, sendo este o propósito da instituição das grandes festas. A festa de Natal não é apenas uma festa cristã. Olhando para as diferentes regiões da terra encontraremos celebrações, muitas delas ligadas ao sol, sua vitória sobre a escuridão no hemisfério Norte e sua grandiosidade, calor ou fogo no hemisfério sul. Será sempre a celebração da vida, da possibilidade da existência humana, da confiança no ritmo infalível, da certeza da colheita e do ressurgir depois de uma estação mais fria. Assim este ritmo constante e confiável devia ser celebrado, no momento em que uma transformação, uma transição tão esperada acontecia na natureza. As festas foram ganhando seu lugar na existência do ser humano sobre a terra e no momento em que foi escolhida, no século IV, a data para a celebração do nascimento do Cristo (que não tinha uma data fixa) levou-se em conta as celebrações que já eram feitas. Em Roma celebrava-se nesta data o início do Inverno.

Não vamos entender com isso que esta festa não tem uma importância maior, ela torna-se para a humanidade um símbolo da união deste conhecimento ancestral, do homem que celebrava os acontecimentos da natureza com a grande festa da humanidade em que o novo se apresenta na forma de um grande ideal. O ideal humano da harmonia, da paz, da convivência respeitosa e da grande verdade universal. O ideal crístico que nasce para renovar a existência na terra.

Quero ligar este reconhecimento da essência do Natal ao ser que aprofundou sua existência no estudo, compreensão e meditação deste evento: Francisco de Assis. Ele foi dentre os cristãos, aquele que fez viver em si o pensamento mais puro e verdadeiro do ensinamento cristão. Sua vida foi e continua sendo um exemplo para todo aquele que quer tornar real o amor maior. Foi quem dedicou a vida para que a humildade vencesse o orgulho e que os pobres tivessem lugar em uma sociedade endurecida. Segundo Tomás Celano (primeiro biógrafo de Francisco de Assis), sua maior intenção, seu desejo principal e plano supremo era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, atenção, esforço, dedicação e fervor os “passos de

O
ideal
crístico
que
nasce
para
renovar
a
existência
na
terra

Jesus Cristo no seguimento de sua doutrina”. Estava sempre meditando em suas palavras e recordava seus atos com muita inteligência. Gostava tanto de lembrar a humildade de sua encarnação e o amor de sua paixão, que nem queria pensar em outras coisas. Naqueles tempos, a Igreja ainda tentava retomar a Terra Santa através das Cruzadas. Francisco queria mostrar que não era necessário ir até os lugares de Jesus, muito menos promover guerras para conquistá-los. Jesus continua procurando uma pousada para nascer porque, na verdade, Belém está em toda parte: os cristãos devem encontrá-la em seus corações.

Foi com pensamentos como este, que em 1223, três anos antes de sua morte, preparando a celebração do Natal, Francisco pede que seus amigos da cidade italiana de Greccio o ajudem a reviver o nascimento de Cristo, reconstituindo o acontecimento em uma humilde gruta, com pessoas e animais representando os personagens do nascimento de Jesus. Ele baseou-se na descrição feita no evangelho de Lucas 2,12 que diz que Jesus ao nascer foi reclinado em um *presépio* que provavelmente seria uma manjedoura das que existiam nas grutas naturais da palestina, utilizadas para recolher animais. A manjedoura que Francisco fez era cheia de feno e foram colocados perto dela um boi e um burro. Acima da manjedoura foi improvisado um altar e nesse cenário ocorreu a missa da meia-noite, na qual Francisco cantou solenemente o Evangelho juntamente com o povo simples e falou emocionado sobre o nascimento do menino Jesus. O presépio nos mostra a luz e a beleza na representação do nascimento do menino Jesus. Com isso Francisco iluminou e reacendeu a fé que estava adormecida entre o povo naquela época. Na ternura do presépio notamos a força divina daquele momento do nascimento do Senhor.

Desta maneira Francisco de Assis realizou pela primeira vez a representação do nascimento do menino Jesus. Este gesto foi reproduzido em outras ocasiões e mais tarde transformado em imagens esculpidas em madeira, pedra e outros materiais, mantendo viva esta tradição até os nossos dias e que continua nos emocionando e transmitindo sua mensagem de amor, pureza e humildade. ■





Bartolomé Esteban Murillo: The Adoration of the Shepherds



FALANDO COM O DOUTOR *Morada do Humano*

por Dr. José Carlos Machado | Médico Escolar

Vivemos tempos de turbulências e começo esse artigo não partindo de um pessimismo, mas de uma realidade que precisamos enfrentar. Determinados conceitos e valores que tínhamos como norteadores caíram por terra, ou quando muito sobrevivem dentro de nossas cabeças e que talvez não represente muita coisa fora de nossa casa, não chegando a ser um problema insolúvel, mas um dilema que necessita de reflexão.

A palavra ética vem do grego *ethos* que significava “morada do humano”. Está também ligada a uma marca, uma característica desse indivíduo, ou seja, *ethos* é a morada do humano, mas também aquilo que nos classifica como seres humanos, pois não agimos simplesmente por instinto como os animais. Temos autonomia, princípios e valores que estabelecem essa diferenciação entre a natureza e a humanidade. Embora isso faça parte de cada um de nós não é algo que atua aleatoriamente. Precisamos preservar e nos conscientizar que a prática desse princípio nos torna efetiva, genuína e essencialmente humanos com uma espécie de agá maiúsculo, capacitando-nos para o enfrentamento de

uma época onde determinados valores têm a sua moralidade questionada, onde tudo é possível e pode ser explicado, o que não significa compreendido e aceito, mas politicamente correto e isso não deveria bastar.

Colocado esse dilema que o conceito ético nos confronta, extrapolamos para a nossa vida em comunidade e ampliamos a consideração de liberdade, pois temos autonomia e poder decisório para tal. Mas, afinal, até onde vai a minha liberdade? Onde termina a do outro? Quem determina essas medidas? Certamente a ética humana. Mas insisto: - Qual o modelo desse conceito? Existem variáveis, ajustes, possibilidades? A ética social é possível?

Esses limites são determinados dentro de nossas famílias. Esse é o modelo a ser seguido. Aquilo que não cabe dentro da nossa casa, aquilo que não pertence a nossa familiaridade, não deveria ser considerado ético. Lógico que cada um terá o seu livre arbítrio, a sua escolha individual. Entretanto, os valores éticos estão acima disso tudo, pois são mais estruturantes, portanto, certas regras devem ser ensinadas desde cedo aos pequenos membros da família. Estabelece-se um modelo e esse passa a ser o

valor ético moral daquela comunidade. As crianças precisam desse direcionamento para saber o que é certo e o que não é e, certamente serão os seus pais, que mostrarão esse caminho, pontuando simplesmente “em nossa família não fazemos isso”. Essa seria a indicação, eficiente e clara.

Inicialmente as crianças vivem em uma comunidade familiar em que se sentem protegidas pelas pessoas próximas e, dentro desse círculo, aprendem o que podem ou não podem fazer. A socialização coletiva aparece quando ela começa a frequentar a escola e descobre que existem outras crianças, outros adultos e também novas regras. Por que os conflitos acontecem exatamente dentro das escolas? Porque elas tentam repetir as mesmas coisas que fazem dentro de casa, com a anuência e proteção dos familiares. No entanto, nessa convivência grupal as coisas nem sempre acontecem do mesmo jeito e a criança passa a experimentar algumas frustrações que talvez tenham sido atenuadas pelos pais em suas casas, não obstante as diretrizes morais, os valores éticos persistirem. Assim, se a criança aprende na escola a falar palavrão ou bater quando é contrariada, os pais podem (e deveriam) dizer “aqui em nossa casa não falamos palavrão e nem batemos em ninguém” e esse princípio passa a ser incorporado pela criança e passa a fazer parte de seu aprendizado.

E então elas crescem e começam os questionamentos. As diversidades e as comunidades que frequentam se ampliam cada vez mais. Aprendem coisas novas, o que é bom e passam a ter opiniões próprias, o que também é muito bom. Mas os conceitos primevos ainda ecoam em suas cabeças e elas nos questionam e nos testam para verem até onde vai nossa coerência, pois ética também tem haver com integridade. Não existem dois pesos e duas medidas para a mesma coisa. Se acredito que mentir é algo condenável, uma mentira, mesmo que inocente, pode ser mal interpretada pela criança que acredita que os adultos à sua volta não são confiáveis em suas indicações. Isso é, falar a verdade é a proposta e o caminho.

Temos a oportunidade de frequentar uma escola onde esses princípios podem ser horizontalizados, ou seja, são entendidos pelas famílias que optaram por um lugar assim, com esse tipo de pensamento. Temos esse referencial em comum, portanto, o nosso maior desafio é de insistir no dilema ético, que está longe de ser confortável, mas nos questiona a responder às perguntas que o cotidiano nos faz: – Posso fazer o que desejo? – Devo seguir regras? – Até onde vai minha liberdade? Esse conjunto de princípios e valores precisa ser ensinado e nós adultos precisamos de constante exercício, só assim poderemos nos transformar e exercermos a verdadeira fraternidade ética e social, vencendo as agitações de nossa época. ■

“

**Soubesse
que
era
assim
Não
tinha
nascido
E nunca
teria
sabido
Ninguém
nasce
sabendo
Até
que
eu sou
meio
esquecido,
Mas disso
eu sempre
lembro.**

Paulo Leminski (in Toda Poesia).

”





A VOZ DA COMUNIDADE

Caminhos Cruzados

por Tutti Madazzio | Mãe de Téo M. Medrano, 11ºW

Em 1996, tive a oportunidade de conhecer a Escola Waldorf Rudolf Steiner, por meio de uma amiga. Em 2005, ao ser mãe, ainda mergulhada no intelectualismo, escolhi o Jardim Waldorf Alecrim Dourado para meu filho. Ele estava com quatro anos de idade!

Assim que cheguei nessa escola me convidaram a dar as aulas de movimento para o Ensino Fundamental, devido à minha formação em dança. Com isso, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais de perto a Pedagogia Waldorf, o desenvolvimento dos setênios e participar da primeira turma da Formação em Ginástica Böthmer, no Brasil.

Após meu filho sair do Jardim da Infância tentei, junto com um grupo de pais e mães, criar uma associação para uma formação de uma nova escola na região Sul, porém, não chegou a acontecer, levando-me, após meses de esforços, a matricular meu filho numa escola tradicional.

Para amigos e familiares, a minha escolha pela Pedagogia Waldorf era “artigo de perfumaria”. Não acreditavam na importância dessa pedagogia, e eu cedi.

Meu filho ficou nessa escola por um ano letivo. Nela meu filho perdeu a vontade, o amor pela arte e pela beleza, que é a vida. Empalideceu! Ouvindo seu pedido, retornamos ao Alecrim Dourado. Em um mês, recuperou a alegria e a cor rosada! Nesse momento, entendi a força da pedagogia, da atuação através do ritmo, dos ritos e da arte. A compreensão ampliada do que é a criança. Descobri como uma pedagogia pode tirar a vitalidade e a outra fortalecer.

Meu filho voltou para o Alecrim Dourado, depois foi para a Escola Waldorf Cambará, em São Vicente, onde fui professora de Educação Física/movimento. Também, nessa escola, tive a oportunidade de substituir uma professora de sala e as reuniões pedagógicas sempre foram um grande alimento.



A minha chegada na Francisco de Assis, começou há alguns anos. Estivemos na EWFA para conhecer em 2005, mas morávamos do outro lado da cidade e trazer meu filho para esta escola nos pareceu inviável naquele momento. No entanto, em outubro de 2013, aconteceu algo inusitado e surpreendente. Minha linha telefônica cruzava com a linha telefônica da Escola! Cada vez que algum amigo tentava falar comigo, a ligação ia direto para a escola! No ano seguinte me mudei para a Região Norte e, em 2015, meu filho chegou para o teatro do 8º ano. Nosso caminho foi entrelaçado!

Hoje eu me sinto contemplada em fazer parte dessa comunidade e me alegro com a força que as escolas Waldorfs têm ganhado, pela importância extrema que a pedagogia tem em proporcionar um processo de fortalecimento das crianças, jovens e adultos. Enfim, a pedagogia atua no desenvolvimento de toda a comunidade envolvida. Somos todos responsáveis por isso! Ao colocarmos nosso filho numa escola Waldorf, assumimos um compromisso nesse processo.

Muito ainda há para se fazer! Descobrir a força da comunidade, à luz dos princípios antroposóficos, no campo pedagógico e social é sempre um desafio! A pedagogia/Antroposofia é um convite ao desenvolvimento humano. Tenho imenso agradecimento ao caminho que construí e sei que não existe caminho sozinho. ■





É ASSIM QUE SOMOS E que escolha feliz!

por Yugo Sano Mani, ex-aluno da EWFA

Que nostalgia gostosa vem ao escrever este texto!

Primeiro, um hiper resumo do que fiz após sair da Chicão, onde estudei do Jardim até o 9º ano (ainda não havia ensino médio aí):

Entrei numa ETEC, onde tive vivências totalmente diferentes das que eu havia tido até então. O primeiro dia foi um baque absurdo, pois me sentia desamparado no meio de um ambiente cinzento. Mas, conforme fui convivendo com os novos colegas, fiz amigos muito especiais e tive ótimas experiências. Vi então que o meu sentimento inicial era um tanto tendencioso, derivado de um medo do desconhecido e também de preconceitos meus que, felizmente, foram desconstruídos.

Terminando o Ensino Médio, iniciei o bacharelado em Composição no curso de Música da USP, onde me graduei no ano passado. Atualmente faço mestrado em Processos de Criação Musical, também na USP.

Compus músicas diversas: clássicas, contemporâneas (não gosto destes dois termos mas, por praticidade, vamos usar...), eletroacústicas, para teatro, para instrumentos solos, banda sinfônica, grupos de câmara, coral. E gosto de diversas estéticas, pois cada uma alcança um lugar único!

Agora, um pouco sobre as escolhas que fiz:

Meu temperamento às vezes tem ápices de introspecção, desde pequeno. Eu gostava de viagens longas de carro, principalmente noturnas. Ao longo delas, ficava imerso na “Yugolândia”, inventando histórias, visitando sentimentos, pensando em situações extraordinárias. E a tais se somava a paisagem noturna, dando uma sensação curiosa de solidão acompanhada...

Acho que a mistura do meu temperamento com as vivências da Chicão tornou clara para mim a vontade de poder tornar externo um lugar que antes era apenas interno; ao longo do tempo percebi que isto era de enorme importância para mim. É tão especial ver na

criação de alguém o seu mundo manifesto! Não de forma ego-cêntrica, colocando aquela criação numa hierarquia com relação a outras e lhes atribuindo valores. Mas sim a encarando como uma manifestação física de algo que não vem do físico (sabe-se lá de onde vem!). Algo misterioso existe nesse processo...

Minha atual pesquisa do mestrado, inclusive, é sobre como mundos internos passam pela percepção da pessoa na hora de criar (aqui usando palavras mais lúdicas do que o meio acadêmico permite). As manifestações de nossos mundos não precisam vir apenas das artes, podendo acontecer de diversas formas: uma conversa boa pode criar mundo tão belo quanto uma música. Mas cada forma de ocorrência tem suas características próprias e, neste sentido, a música me cativou.

Confesso que inicialmente pensava em ser desenhista, podendo criar histórias e ilustrá-las, ou mesmo criar paisagens, cenas... Mas acabei fazendo uma curva para o rumo musical, o que foi um tanto inesperado! Percebi que gostava muito da maneira como músicas agem sobre nós; e fui conhecendo músicas que me remetiam a lugares, a sensações, que eu não me imaginaria visitando de outra forma.

Numa só vida não dá fazer tudo com profundidade (cozinhar, limpar a casa, etc., já ocupa bastante tempo!), então vêm escolhas. Quando chegou o ano do vestibular, decidi que seria música e ponto! E que escolha feliz! Se eu tivesse ido para as artes plásticas provavelmente haveria encontrado felicidade também, mas com outras formas. Atualmente, quando surgem momentos calmos e a eles se soma a vontade, consigo fazer desenhos e aquarelas, o que também me traz alegria.

E uma última mensagem, que espero seja de utilidade:

O “mundo adulto” tem partes extremamente áridas no contexto atual. Há uma “lógica industrial” de que: as pessoas devem estar sempre produzindo; não é bom mostrar fraquezas para os outros; as hierarquias são absolutas; devemos ser “vencedores”; e por aí vai...

...Vencedores do quê? Por que mergulhar nessa loucura de vencedores e perdedores? Por que sempre estar produzindo, mesmo quando não conseguimos mais? Qual o sentido disso tudo?!

É fundamental termos uma visão crítica sobre as coisas, questionando o que não gostamos, refletindo sobre o que nos é imposto inconscientemente, etc. Neste sentido, o mundo interno que cada pessoa leva consigo é valioso: é através de seus prismas que vemos a realidade. Fico feliz por ter no meu umas áreas bem “chicônicas” (que vieram da Chicão rs).

Sou “muuuuito” grato aos meus pais por seus esforços para me proporcionar uma década de Chicão, mesmo sendo super longe de casa e havendo várias dificuldades financeiras. Graças a eles escrevo esta rápida mensagem, mandando ótimas energias para a Chicão e as pessoas que nela estão/estiveram/estarão! ■





NOSSO ALIMENTO

O Alimento e os temperamentos

por Dione Moraes Pavan | Nutricionista

O processo de digestão permite ao homem superar os reinos mineral, vegetal e animal, por meio do Eu, transformando, gradativamente, os alimentos em substâncias próprias. Assim, é importante que a alimentação seja adequada a cada indivíduo e sua fase de desenvolvimento, sobretudo nas crianças, auxiliando no processo de encarnação e consciência.

A criança do primeiro setênio utiliza bastante o sistema metabólico-motor principalmente pelo movimento. No segundo setênio, ela se abre mais para o mundo do sentir, que vive no sistema rítmico, e ela vivencia o acordar da consciência. É essencial, nesses dois períodos, cuidar dos hábitos e ritmos cultivados, respeitando inclusive os ritmos orgânicos e fisiológicos. Nessas duas fases o organismo se moldando e harmonizando com o externo, o que é implantado fica marcado profundamente para toda vida. Portanto, a importância de estabelecer ritmos sadios de alimentação.

A criança em idade escolar, além de desenvolver o sistema rítmico, tem o "pensar" mais requisitado. Neste sentido, elas podem se beneficiar de uma alimentação que favoreça o neurossensorial, rica em raízes, como cenoura, beterraba, rabanete, nabo. É nessa fase também que começamos a diferenciar o temperamento primordial infantil. Os temperamentos vão embasar a vida de sentimentos e sensações. Apesar de notarmos um temperamento predominante, o ideal é que todos estejam equilibrados e podemos auxiliar esse processo através da alimentação.

De modo geral, as crianças excessivamente sanguíneas ou fleumáticas, que tendem a ser levemente desatentas, podem se beneficiar com porções adequadas de sal, o que favorecerá o sistema neurossensorial. Já as crianças exacerbadamente coléricas ou melancólicas, que reagem fortemente às impressões externas, têm seu metabolismo melhorado quando recebem quantidade e qualidade adequada de açúcar.

Pontualmente, a criança de cada temperamento pode ser favorecida da seguinte maneira:

- Para as melancólicas, bastante aterradas, que cedem à força da gravidade, cuja atenção é difícil de ser conseguida, introspectas, uma dieta mista e estimulante, onde estejam presentes frutos, flores e folhas, mel e aveia.
- Para as coléricas, dominadas pela força do coração, autossuficientes, com grande capacidade de atenção e muita irritabilidade, uma dieta rica em folhas, talos e raízes, e poucas quantidades de carnes e leguminosas seria ideal.
- Para as sanguíneas, ativas e distraídas, de atenção fácil, mas momentânea, com pouca força para finalizar e grande irritabilidade, uma dieta que favoreça sua ligação à terra, ou seja, em que sejam oferecidos cereais como trigo, centeio e fubá. Alimentos "amargos" também são adequados.
- Para as fleumáticas, vagarosas, de baixa irritabilidade e pouquíssima atenção, alegres e satisfeitas, e que apresentam grande gosto pela comida, uma dieta reduzida em gorduras e carboidratos, rica em vegetais, raízes e frutas, principalmente as ácidas ou cítricas.

Todas as crianças são beneficiadas quando têm seus ritmos estabelecidos e lhes é conferida autonomia em um repertório de alimentação adequada às suas necessidades. Desta maneira, elas conseguem conectar-se com suas demandas e responderem genuinamente às solicitações de seus organismos, carregando essa capacidade durante sua vida e construindo uma relação saudável e adequada com a alimentação. ■



ACONTECEU NA FRANCISCO

Festa Semestral

por Fernando Andrade | Fotos: Thiago Borazanian



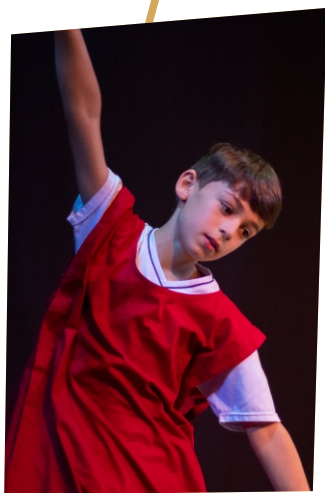
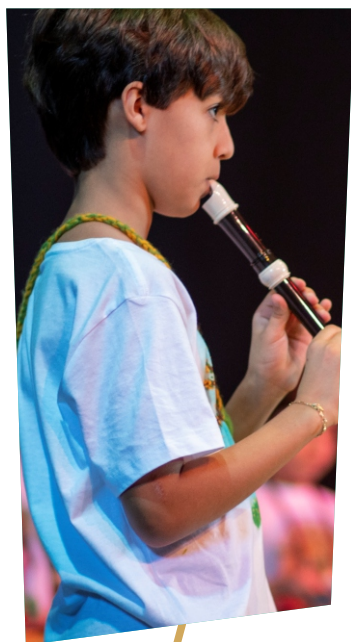
A Festa Semestral da EWFA foi realizada no sábado, dia 22 de setembro. Toda comunidade foi recebida com um delicioso café da manhã preparado pelo oitavo ano e logo em seguida alunos do ensino fundamental ao médio apresentaram um tema que foi trabalhado em sala de aula e faz parte do currículo escolar. A Pedagogia Waldorf tem como princípio fazer da arte um estudo pedagógico, uma forma de desenvolvimento da criança. Por esse motivo todas as apresentações envolvem artes plásticas, música ou dança e o processo de criação já é um aprendizado.

Para Eneida Alves Regado, professora de música da EWFA, tudo é expressão e tudo o que acontece na sala de aula vai em algum momento ser compartilhado com a comunidade. “Dentro da música, por exemplo, existe todo ensino com a parte teórica, a audição, a criação, além do desenvolvimento social da criança dentro da música. E tudo isso culmina num momento de expressão que é compartilhada com a comunidade como fazemos na festa semestral”, explica.

Eneida ressalta que é muito importante sentir o que ocorre dentro da sala de aula para que o professor tenha sensibilidade de extrair elementos vivenciados no dia a dia com os alunos para formatar uma apresentação. Ela lembra da magia que é ver

os pequenos do primeiro ano que se apresentam pela primeira vez, sempre no segundo semestre. “Com kânteles e flautas eles fizeram uma apresentação que é mais protegida, em roda, sempre com o professor ao lado”. Expressão bem diferente da apresentada pelo sexto ano. “No sexto ano os jovens estão no prestes a atravessar o Rubicão, numa descoberta individual. Aí vem a criação artística, a música. É quando eles se colocam como indivíduo”, conclui. Neste ano eles interpretaram a música Cavalo Bravo, de Renato Teixeira.

No teatro, apresentado pelo oitavo ano, o caminho é o mesmo. O professor Guilherme Della Nina teve a percepção de elementos que a sala discutia e escolheu a peça “Um Conto de Natal”, de Charles Dickens. As apresentações foram em 4, 5 e 6 de outubro. A direção foi de Silen de Castro, cujos filhos já estudaram na escola. A direção musical foi da professora Mariana Trento. A professora Eneida Alves Regado conta que o teatro para o oitavo ano é muito importante, pois é a fase de descoberta sobre quem ele (aluno) é. “Vivenciar um personagem, trabalhar uma outra personalidade, faz com que desabroche no jovem um autocohecimento e ele sempre se questiona: quem é esse outro e quem sou eu?”. Eneida finaliza dizendo que “o jovem começa o teatro de um jeito e termina de outro”. ■



Sarau do 8º Ano

por Vidal Bezerra da Silva
(Membro do Conselho Deliberativo EWFA)



Nossa Escola, como é do conhecimento de todos, tem como um dos horizontes fundamentais o desenvolvimento humano em sua integralidade.

Assim, como mais uma forma de unir e agregar nossa comunidade, desde que surgiu a iniciativa de organizar o Show de Talentos no 8º Ano de 2011, posso dizer que se tornou mais uma forma de permitir que o ser humano dê um passo a mais em seu desenvolvimento.

E, este ano, após o primeiro setênio, o 8º Ano decidiu inovar e simbolicamente renovar as energias e adotando o nome de SARAU.

Quero afirmar que após todos estes eventos realizados nos quais me envolvi pessoalmente é possível registrar que houve um amadurecimento gradativo e ousou comparar que ocorreu tal qual minhas expectativas para o desenvolvimento de uma criança durante o primeiro setênio de existência terreal.

Assim, concluo essa nota registrando que a atividade foi muito acolhedora e espero que as próximas continuem sendo muito mais, onde a comunidade escolar possa expressar as habilidades artísticas adormecidos e dessa forma também contribuir para a formação integral do ser humano.

NA FUNÇÃO

O que faz uma boa comunidade

por Fernando Andrade | Fotos: Thiago Borazanian



Há 18 anos na Escola Waldorf Francisco de Assis, Rosiene Silveira dos Santos, ou simplesmente Rose, tem em sua trajetória de vida muito do que abordamos nessa edição. Se é na comunidade que vive a força da alma individual, Rose expressa isso em sua história.

Rose saiu da cidade de São Sebastião, em Alagoas em 1996 com destino a São Paulo. Foi quando viu um anúncio num supermercado da região sobre uma vaga de auxiliar de limpeza que sua história teve início na Francisco de Assis. “Era toda envergonhada, havia chegado do norte há pouco tempo e essa comunidade me acolheu de forma tão rica”, relembra. Hoje ela trabalha na portaria e conhece todos pelo nome, sem exceção.

Mesmo exercendo com muito afincio e orgulho sua função, Rose sempre desejou participar do processo de educação das crianças. Seu sonho é ser auxiliar do Jardim. Mas ela não poderia porque não tinha concluído seus estudos. Rose parou no oitavo ano.

Ano após ano ela sempre foi muito incentivada a voltar para escola. Mas não faltavam motivos para adiar essa tarefa. Rose lembra que deixava a filha o dia todo na creche e queria ficar com ela pelo menos à noite. Depois veio mais um filho e o retorno à escola era sempre adiado. “Recebia incentivo de professores, de pais, de colegas, de todo mundo, e não imagina o que estava perdendo”. Quando questionada sobre alguém que marcou sua trajetória na nossa escola ela lembra da professora Rosa. “O cantinho da escola que mais gosto é do Jardim e a Rosa sempre foi a maior referência do Jardim”, afirma. Foram diversas as possibilidades de se tornar auxiliar do Jardim, mas a falta do estudo sempre foi uma barreira. Neste semestre, finalmente, Rose retomou os estudos. Empolgada e consciente de seus novos desafios, ela se demonstra muito assertiva sobre seu sonho: “Amo trabalhar aqui, tenho muito orgulho e agora busco meu sonho”.

INSTÂNCIAS DIRETORIA EXECUTIVA

por *Monica Ballaminut*
Gestora da EWFA

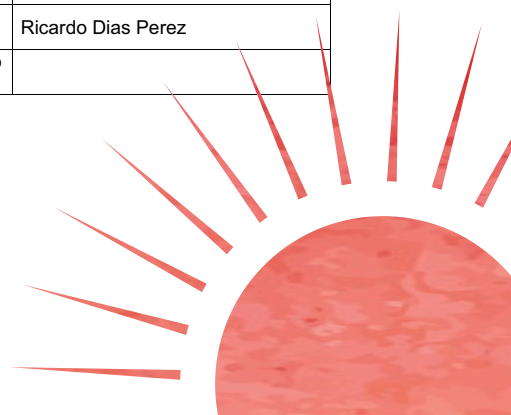
Véspera do mais comentado sufrágio eleitoral do país, aqui na Francisco tivemos o nosso processo de eleição de membros para duas Instâncias: Diretoria Executiva e Conselho Deliberativo.

Em nosso pleito, exercitamos outro modelo de escolha que não a Democracia. Praticamos o voto aberto, onde cada associado indica seu candidato e revela as razões para sua escolha. Na Assembleia, um facilitador ouve todas as indicações e faz a sua indicação buscando a consonância diante dos argumentos apresentados. Em relação à tomada de decisões é o Consentimento que a rege. Consentimento não tem o mesmo significado que “consenso”. Consenso é a expressa concordância, é quando a decisão confere com o que eu quero.

Consentimento significa que eu posso consentir, que não tenho objeção contra a proposta, embora a minha decisão pudesse ser outra. Destarte, são eleitos membro a membro para ocuparem os cargos à disposição nas Instâncias. Esse é o **modelo sociocrático de tomada de decisão** que aplicamos em nosso processo de eleição.

Ao final, saímos todos satisfeitos e em consonância com os eleitos, e estes, saem confiantes e fortes para o trabalho após ouvir os argumentos que os colocaram no posto. Com alegria, apresentamos a configuração da Diretoria Executiva e Conselho Deliberativo da Associação Humanista Francisco de Assis – A.H.F.A., para 2019:

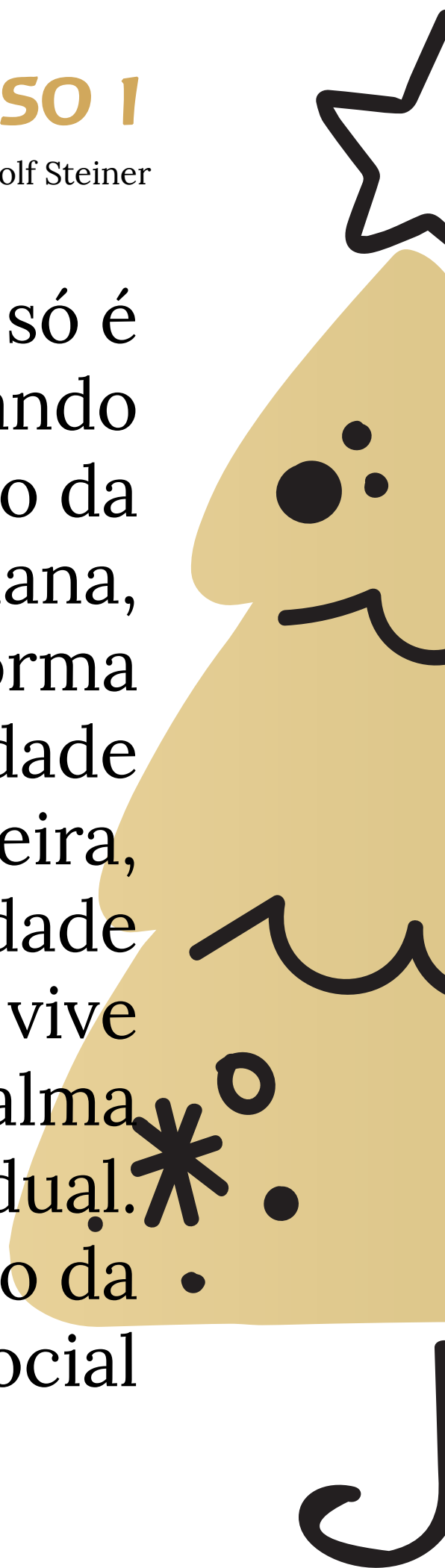
Diretoria Executiva	Conselho Deliberativo
Soraya Graczyk de Araújo Aguiar Presidente	Pedro Luiz Cerri
Bernadete M. Tamakoshi Kambe Vice-Presidente	Tereza Cristina Racy
Alessandro Galindo Martinez Tesoureiro	Profª Patricia Alejandra P. Sigl
Kelli Renata G. Corrêa Marcomini Vice-Tesoureira	Vidal Bezerra da Silva
Daniela Giannoni Negro Secretária	Ricardo Dias Perez
Profª Ana Carolina Janeiro Ghirello Vice-Secretária	



VIDA EM VERSO I

por Rudolf Steiner

Salutar só é
quando
No espelho da
alma humana,
se forma
comunidade
inteira,
E na comunidade
vive
A força da alma
individual.
Eis o princípio da
ética social



VIDA EM VERSO II

por Vidal Bezerra da Silva

NATAL: ESTRELAS – LUZ

Quando no topo da montanha
Ficamos, as estrelas, a observar...
Elas são os reflexos, na penumbra,
Da Luz Magnânima do Sol a nos guiar.

Seus raios alimentam o Universo
Com energia que faz girar;
A cada ciclo que passamos
A certeza do eterno renovar.

Alguns chamam de esperança,
Outros podem chamar de destino;
Mas esta Luz surgiu em nosso meio
Em forma de um Simples Menino.

Na aridez de uma terra desértica,
Na humildade e singeleza do espaço...
Nasceu e deixou sua forte marca
Para não que perdêssemos o compasso; passo a passo.

Todos nós somos estrelas cintilantes
Nesse imenso e vasto espaço sideral;
Porém: Não nos esqueçamos que a maior delas
Nasceu, numa Manjedoura, num singelo Natal.

Ele deixou para nós vários presentes
Que em nossa Alma podem estar
E a nossa existência nesta Terra
É uma certeza do possível transformar.

Podemos até trocar alguns presentes;
Mas o maior de todos eles pode ser
O Carinho, o Afeto, o Abraço Forte e Sincero
Naquele que ainda não conseguiu perceber...
Que o maior presente de toda a vida
É a Luz Interior que em cada um pode se desenvolver.

Na simplicidade da noite, na fortaleza da Luz,
Na pobreza do espaço, Nascido em Tom Radiante;
O Maior Diamante, na majestosa Solar existência,
O Menino Jesus é uma Grande Estrela que nos guia
Que alimenta o Universo, alimenta a vida em essência...
Renovando esperanças sinceras - DE RAIAR O NOVO DIA.

AGENDA

DEZEMBRO

01 | Apresentação do Coral e Orquestra

07 | Encerramento Mat. e Jardim

08 | Encerramento Fund. e Médio

08 | Teatro Natal

08 | Formatura 12ºano

10 a 12 | Reunião Pedagógica

JANEIRO

02 a 24 | Recesso Escolar

25 | Aniversário de São Paulo

28/01 a 01/02 | Planejamento

FEVEREIRO

04 a 06 | Feriado / Carnaval

07 e 8 | Recesso

16 | Dia do Plantio

28 a 31 | Teatro 12ºano



**Escola Waldorf
Francisco de Assis**